

e está inserida na folha topográfica do Rio Itatá (SA. 22-Y-D-V) e Belo Monte (SA. 22-Y-D-II – MI 595), a sudeste da cidade de Altamira. Ela se estende por 26 km ao longo do rio Xingu, em sua margem esquerda, desde a foz do Igarapé Paraíso, a montante, até a foz do Igarapé Mangueira, a jusante. O acesso à área, a partir de Altamira, se dá por meio fluvial, pelo rio Xingu. A distância entre a cidade de Altamira e a aldeia é de aproximadamente 55 km, em linha reta. No período do inverno, que corresponde à época da cheia do rio, é possível realizar este percurso em apenas 2 horas e, durante o verão, quando as águas estão baixas, este caminho é percorrido em 3 a 4 horas. Paquiçamba é composta por uma aldeia homônima e dois núcleos populacionais menores, que contam aproximadamente 83 pessoas, divididas em 18 unidades residenciais espalhadas ao longo da Volta Grande do Xingu. O segundo núcleo populacional é composto por algumas moradias localizadas no Furo do Barracão. No furo seco está situado o terceiro núcleo residencial, com 3 famílias residentes, sendo uma não indígena. Nos arredores de Paquiçamba existem sítios arqueológicos que sinalizam a antiguidade da ocupação humana na Volta Grande. As casas, normalmente, são construídas nas partes mais elevadas do terreno, de modo a evitar as enchentes anuais do rio Xingu. Segundo memória oral do grupo e dados documentais e históricos, os Juruna ocuparam e ainda ocupam praticamente toda extensão territorial ora delimitada, para moradia e para atividades de subsistência. É preciso sublinhar que, para descrever fielmente o significado da “habitação permanente” para os Juruna, é preciso considerar não apenas a permanência em determinada porção de terra a partir da construção de moradias, mas também os modos específicos de sua relação com o território e os recursos nele disponíveis. Dentre estas modalidades de uso e ocupação do território, para além das áreas de moradia, existem aquelas utilizadas para realização de rituais, que carregam valor mítico-simbólico, e que importam para a manutenção da identidade Juruna hoje. Nesse sentido, a territorialidade dos Yudjá, que se consideram os “donos do rio”, assenta-se sobre a relação terra/água, concentrando-se nas ilhas de pedras que margeiam o rio Xingu, na Volta Grande, até a cachoeira do Jurucuá. No passado, as ilhas serviram aos Juruna como refúgio dos inimigos, tanto índios como portugueses. São locais de resistência e guerra, que ficaram gravados na memória desse povo. No presente, elas ainda permanecem como referência simbólica, mantendo vivos os mitos de origem, pois, em algumas delas, foram enterrados os anciões e grandes líderes do passado, frequentemente relembrados nas narrativas dos indígenas. O valor dessas ilhas, para os Juruna, vai além do simbólico, importando também para a própria reprodução física, na medida em que são utilizadas para atividades de pesca, agricultura e coleta/extrativismo. Como principais áreas de uso dos recursos florestais (caça e coleta), ligadas ao tópico da habitação permanente em sentido mais amplo, destacam-se: a região do Igarapé Paraíso, a sudoeste da área, onde os Juruna realizam a caça e coleta de castanha; a região do “Arroz Cru”, a oeste da área, onde coletam castanha e açaí; as cabeceiras do Igarapé do Prego, na porção noroeste da área, local de caça abundante, e utilizado também para coleta de castanha, açaí e outras frutas; a região da nascente do Igarapé Mangueira, ao norte, onde os Juruna praticam a coleta de castanha, babaçu e açaí, além da retirada de madeira para construção de casas e embarcações; e, finalmente, cerca de 35 ilhas fluviais do rio Xingu, entre a cachoeira do Jurucuá e a TI já homologada, utilizadas intensamente pelos Juruna para caça e coleta.

III. ATIVIDADES PRODUTIVAS

A agricultura, a caça, a pesca e a coleta são as principais atividades produtivas desenvolvidas pelos Juruna de Paquiçamba. É possível observar um padrão de divisão das atividades econômicas segundo o gênero, de modo que a caça e a pesca são atividades preponderantemente masculinas, e a agricultura e a coleta, atividades preponderantemente femininas. O extrativismo de produtos da floresta é normalmente realizado por ambos os sexos. Os Juruna são um povo essencialmente pescador e canoeiro, e por isso os recursos hídricos regem o calendário anual de atividades e as trajetórias das famílias. Os índios distinguem diversas unidades de paisagem no ambiente aquático, tais como o próprio canal do rio, corredeiras, remansos, lagos, os chamados “poções”, lajes, igapós e grotas. As técnicas empregadas na pesca são escolhidas observando a relação entre o ciclo hidrológico, a sazonalidade das áreas inundáveis e seus efeitos sobre a dinâmica de dispersão e concentração das espécies de peixes. O mesmo ocorre em relação à atividade de caça, para a qual é empregada uma variedade de técnicas, que demonstram um refinado conhecimento do calendário fenológico das espécies e das unidades de recurso disponíveis no território. Os locais mais utilizados para a pesca são as planícies de inundação e os grandes poços espalhados ao longo da Volta Grande. A caça, por sua vez, é realizada de forma pulverizada por toda a extensão da TI ora delimitada, inclusive nas ilhas fluviais do rio Xingu. A coleta de castanha – realizada nos castanhais na porção noroeste da área proposta – e a pesca artesanal de peixes ornamentais – realizadas próximas aos “pedregais” da Volta Grande do Xingu e de seus afluentes, como os rios Bacajá,

Bacajá e Itatá –, também constituem importantes atividades econômicas desenvolvidas pelos Juruna de Paquiçamba. As estratégias de ocupação do território e de realização das atividades produtivas estão estreitamente relacionadas com os ciclos ecológicos da região e a disponibilidade sazonal dos recursos. Contudo, devido ao caráter ribeirinho e a fixação à terra, após o reconhecimento da TI Paquiçamba, o grupo manteve sua mobilidade apenas para a exploração de alguns recursos naturais, associados à subsistência, à comercialização de peixe, frutas e extrativismo, e correlacionados ao ciclo da cheia e da seca do Rio Xingu. A existência de aldeias antigas, divididas em aldeias de verão e aldeias de inverno, e ocupadas segundo o ciclo hidrológico anual, foi uma característica recorrente até o passado recente, frequentemente mencionado pelos Juruna hoje. A agricultura é realizada em regime de mão de obra familiar, em roças mantidas acima da planície de inundação, próximas aos núcleos populacionais, abertas em áreas de floresta, utilizando a técnica da coivara com rotação de culturas. São cultivados de forma consorciada milho, arroz, mandioca, cacau, mamão, banana, cará e abóbora, e neste mesmo espaço é possível observar o babaçu, ingá e outras espécies em processo de regeneração. Nos limites das derrubadas dos roçados há grandes indivíduos de castanheira, jatobá e outras espécies de interesse da comunidade, que indicam a extensão espacial e temporal do espaço consorciado. Os Juruna também têm o hábito de manter pomares e canteiros de plantas medicinais nos quintais das casas. As ilhas fluviais do rio Xingu estão totalmente integradas às atividades rotineiras, sejam elas cotidianas ou sazonais. O ciclo de oscilação das águas ao longo do ano e o ciclo de inundação e estiagem dos *habitats* influenciam diretamente a dinâmica de uso e ocupação do território como um todo. Algumas ilhas são locais bons para realização de caçadas, principalmente as que possuem restingas, como, por exemplo, a ilha de Serra, da Bela Vista, da Velha Maria, do Araruna, Bom Jardim, Maçaranduba, do Paraíso. Nas ilhas os Juruna também coletam ovos de tracaçá, para consumo próprio, e diversos frutos, como as bacabas, castanha-do-pará, babaçus, golosas e açaí. Antes do fim do verão, os Juruna preparam a terra para plantio. No verão (seca) eles se aproximam das praias, aproveitando-as para a pesca e para caçar as espécies que migram nesta época do ano e povoam ilhas e praias. Nesta época, eles usufruem mais dos recursos pesqueiros de peixes existentes nos poços, sendo maio, junho e julho, pesca de linha e de agosto até dezembro tarrafa e/ou malhadeira. No período do inverno os Juruna utilizam-se de suas embarcações para percorrer as várzeas inundadas, colhendo frutos, pescando peixes que se alimentam de frutas ou que estão presentes nas áreas inundadas dos rios. Neste mesmo período é realizada a colheita das roças.

IV – MEIO AMBIENTE

A Terra Indígena Paquiçamba encontra-se situada na Unidade de Relevo da Depressão da Amazônia Meridional, e possui pequenas áreas nas Unidades dos Planaltos Residuais do Sul da Amazônia e Planícies Fluviais. Grande parte da terra indígena, sobretudo as áreas de beira de rios e as ilhas de uso Juruna, é composta de coberturas cenozóicas, compreendendo sedimentos relacionados aos ciclos de aplainamento pós-mesozóicos. Estão representados por sedimentos detríticos em estágio inicial ou parcial de consolidação, correspondentes a terraços, aluviões e coluviões do Quaternário. Na parte da Terra Indígena Paquiçamba banhada pelo rio Xingu (margem esquerda) e ilha da Barreira, os aluviões ocorrem na forma de terraços baixos antigos, os chamados “beiradões”, em cotas mais elevadas ou corpos mais alongados, sob a forma de canal e em alguns locais de várzea, que sofrem parcialmente a influência das cheias anuais. A cobertura vegetal predominante na TI é a Floresta Ombrófila, ocupando aproximadamente 74% do território, enquanto as pastagens representam pouco mais de 20%, e as culturas cíclicas, 1,5%. Apesar de ser uma área de conservação razoável, por meio de sobrevoos e análise de imagens de satélites, é possível observar muitas clareiras de desmatamento na região em estudo. A área ocupada pelo grupo Juruna de Paquiçamba é, seguramente, a região mais preservada da Volta Grande. Da rodovia Transamazônica partiu a ocupação não-indígena seguindo pelos travessões em direção ao interior da Volta Grande do Xingu. Nesta região foi verificada uma concentração de não indígenas, majoritariamente remanescentes de projetos de colonização ou migrantes. A tendência é de que esta densidade de ocupantes não indígenas aumente, devido à construção da UHE Belo Monte, tendo em vista que a maior parte dos canteiros de obras está concentrada nesta região. A paisagem da Volta Grande abriga inúmeros monumentos fluviais, que compõem as referências espaciais para os deslocamentos dos Juruna, além de importarem diretamente para sua subsistência. Os indígenas reconhecem diversos tipos de unidades de paisagem, dentre as quais: os “beiradões”, que são formações de falésias com inclinação acentuada, localizadas nas margens do rio Xingu, próximas à aldeia Paquiçamba, nas ilhas e na região do “Furo Seco”, amplamente utilizadas pelos indígenas para extrativismo vegetal; as ilhas, que servem para a caça, extrativismo e pesca (na medida em que abrigam, sazonalmente, florestas inundadas – os chamados “igapós” ou “gapós”), com destaque para as

ilhas da Barreira, Velha Maria, Curupira, Embaubal, Giral, Serra e Castanheira; as “terras altas”, que correspondem à maior parte da área de terra firme da TI, coberta de floresta ombrófila densa, utilizada pelos indígenas para a retirada de madeira para construção de casas e embarcações, abertura de roças, caça e extrativismo; e finalmente as “capoeiras”, que são formações de vegetação secundária já antropizadas, e que servem ao cultivo de frutíferas e como áreas de reposição de fauna e flora. A TI Paquiçamba encontra-se na Área de Influência Direta da UHE Belo Monte, projeto que prevê um trecho de vazão reduzida na Volta Grande do Xingu, que certamente irá ocasionar drásticas mudanças no modo de vida dos Juruna, além de pressão intensiva sobre os recursos naturais disponíveis, fato que torna a demarcação da TI Paquiçamba, incluindo-se aí as ilhas do rio Xingu, não apenas necessária como urgente.

V - REPRODUÇÃO FÍSICA E CULTURAL

A população de Paquiçamba não é fixa, considerando o constante deslocamento dos Juruna entre a TI, a cidade e os sítios ribeirinhos. Não é incomum, além disso, os Juruna receberem visitas de parentes e amigos, de modo que a população residente na TI flutua bastante. A população Juruna da TI Paquiçamba cresceu aproximadamente 86% desde meados dos anos 1980 e é, portanto, relativamente jovem. Considerando que as mulheres indígenas da Volta Grande do Xingu caracterizam-se por um padrão reprodutivo elevado, com 53% possuindo uma história de mais de quatro gestações, e 25,4% de sete ou mais gestações, é possível prever uma sensível recuperação populacional para as próximas décadas. Os resultados da investigação das condições de saneamento entre as famílias indígenas da Volta Grande do Xingu revelaram um alto percentual (62%) de utilização de fontes de água desprotegidas, como poço a céu aberto e rio/igarapé. Em que pese o fato de a maioria preferir tratamento doméstico com hipoclorito ou fervura, 27% da população não utiliza qualquer forma de tratamento de água. A análise do desempenho do crescimento das crianças e adolescentes indígenas revelou uma prevalência elevada de desnutrição crônica, dada pela alta proporção de crianças com baixa estatura para idade (17,8%), dado que equipara as crianças indígenas da Volta Grande com o restante da população infantil da Região Norte, colocada entre as áreas mais afetadas por déficits nutricionais no país. Um dado importante é o de que a população indígena que não vive em terras demarcadas na região atinge o dobro das taxas de desnutrição encontradas na população da TI Paquiçamba. No tocante à reprodução cultural, o relatório demonstra que os Juruna mantiveram, frente à violenta história de exploração e expropriação territorial, sua identidade étnica diferenciada, fortemente atrelada à ocupação e uso de seu território tradicional. As áreas necessárias à reprodução física e cultural dos Juruna contemplam o próprio rio Xingu, mais especificamente o trecho entre a Terra Indígena já regularizada e a Cachoeira do Jurucuá, além das ilhas fluviais compreendidas neste trecho; os castanhais, que ocorrem nas ilhas e na porção norte-nordeste da área identificada; os vales dos igarapés (“barreiros”), utilizados para caça e, por fim, a área de floresta no entorno da aldeia Paquiçamba, utilizada para caça e extrativismo vegetal.

VI - LEVANTAMENTO FUNDIÁRIO

Na Sexta Parte é apresentada uma descrição do histórico da ocupação não-indígena da região, juntamente com o demonstrativo dos ocupantes não-indígenas residentes hoje na área. No interior da TI Paquiçamba foram cadastradas 27 (vinte e sete) ocupações não indígenas, em sua maioria imóveis de pequeno porte, onde prevalece a agricultura familiar com culturas permanentes, como o cacau, e as culturas temporárias, como a mandioca, o milho e o feijão. Os imóveis de médio e grande porte se dedicam à pecuária bovina extensiva de corte. Em consonância com o intenso fluxo migratório para a região nos últimos anos, verificou-se que, dos 27 ocupantes não indígenas cadastrados no levantamento fundiário, 16 são provenientes de outros estados da federação. Dos 11 ocupantes oriundos do estado do Pará, apenas uma pequena parcela nasceu em Altamira ou Vitória do Xingu, sendo a maioria original de Itaituba e outras cidades do estado do Pará.

QUADRO DEMONSTRATIVO DE OCUPAÇÕES NÃO-INDÍGENAS

| | Nome | CPF | Nome da Propriedade | Situação/tipo de doc. | Data da Ocupação | Incidência |
|----|------------------------------|----------------|---------------------|--|------------------|------------|
| 01 | Jandira Jacinto da Silva | 918.174.202-91 | | | | Total |
| 02 | Geferson Cordeiro Scarabelli | 758.440.366-30 | Faz. Beira Rio | posse | 2000 | Parcial |
| 03 | Nelson Scarabelli | 252.315.256-40 | - | posse | 2000 | Parcial |
| 04 | Antonio Carlos Hillo Silva | 405773.411-20 | - | - | - | Parcial |
| 05 | Nelson Scarabelli | 252.315.256-40 | - | - | - | Total |
| 06 | Daniel da Silva Nascimento | 897.733.222-20 | Sítio Boa Esperança | Contrato de alienação de terras públicas | - | Total |
| 07 | Flavio Lopes de Freitas | 521.030.642-91 | | posse | 1994 | Parcial |